



**Cartografias da violência:
masculinidades dissidentes na *webcomic* *Arlindo* (2019)¹**

***Cartographies of violence:
dissident masculinities in the webcomic *Arlindo* (2019)***

Maria Alice Teixeira de LUNA FREIRE²

Resumo

Este artigo analisa a *webcomic* *Arlindo* (2019), de Luiza de Souza, para compreender como a articulação discursiva entre linguagem, imagem e texto configura sentidos de violência no contexto das masculinidades nordestinas. A pesquisa apoia-se nos aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso Materialista em diálogo com a Teoria dos Quadrinhos e os Estudos de Gênero. A análise evidencia rupturas textuais e gráficas que tensionam o funcionamento cis-heteronormativo das masculinidades, ao friccionar narrativas de opressão com estratégias de resistência protagonizadas por jovens dissidentes. Esses deslocamentos produzem efeitos de sentido que reconfiguram posições de sujeito, tornando visíveis experiências de violência doméstica, bem como processos de (re)construção identitária. A *webcomic* revela-se como espaço de insubordinação epistemológica, onde corpos dissidentes resistem às normas cis-heteronormativas através da enunciação gráfica.

Palavras-chave: Análise de Discurso Materialista. Webcomic. Masculinidades. Violência.

Abstract

This article analyzes the webcomic *Arlindo* (2019), by Luiza de Souza, to understand how the discursive articulation between language, image, and text configures meanings of violence and resistance within the context of Northeastern masculinities. The research is based on the theoretical and methodological contributions of Materialist Discourse Analysis in dialogue with Comics Theory and Transfeminist and Intersectional Gender Studies. The analysis highlights textual and graphic ruptures that challenge the cisheteronormative functioning of masculinities by juxtaposing narratives of oppression with resistance strategies led by dissident youth. These displacements produce meaning effects that reconfigure subject positions, making visible experiences of domestic violence as well as processes of identity (re)construction. The webcomic reveals itself as

¹ Artigo produzido a partir de um trabalho apresentado no Intercom Nordeste 2025/2024, no Grupo de Trabalho A Linguagem dos Quadrinhos: Epistemologia da Comunicação entre Quadros (GT01).

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: mariaalichelunafreire@gmail.com



a space of epistemological insubordination, where dissident bodies resist patriarchal and cisheteronormative norms through graphic enunciation.

Keywords: Materialist Discourse Analysis. Webcomic. Masculinities. Violence.

Introdução

As narrativas gráficas digitais têm se consolidado como espaços privilegiados para a representação de experiências dissidentes e a problematização de normas sociais hegemônicas. No contexto brasileiro contemporâneo, *webcomics* de autoria feminina emergem como territórios de resistência, onde questões de gênero, sexualidade e violência são articuladas através da enunciação gráfica. A *webcomic Arlindo* (2019), criada por Luiza de Souza, doravante Ilustralu, e publicada no Twitter³, constitui um exemplo dessa produção, ao abordar as intersecções entre violência, masculinidade e dissidência sexual no contexto nordestino.

A obra narra a trajetória de Arlindo Júnior, um jovem que vive em um ambiente familiar marcado pela violência das imposições de normas de gênero rígidas. Através de uma narrativa que articula elementos autobiográficos e ficcionais, a *webcomic* expõe as múltiplas formas de violência - física, psicológica e simbólica - direcionadas a corpos que não se adequam às expectativas cis-heteronormativas. Simultaneamente, a obra revela estratégias de resistência e processos de (re)construção identitária que tensionam as estruturas opressivas.

Este artigo tem como objetivo analisar como a *webcomic Arlindo* (2019) configura sentidos de violência através da articulação discursiva entre imagem e texto, com foco nas representações de masculinidades dissidentes no contexto nordestino. Para tanto, mobilizo os aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso Materialista (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2017), em diálogo com a Teoria dos Quadrinhos (Groensteen, 2015; Marion, 1993; Carneiro e Zeni, 2021) e os Estudos de Gênero transfeministas e de caráter interseccional (Butler, 2020; Di Lauretis, 2019; Rodrigues 2021).

A relevância desta investigação reside na necessidade de compreender como as mídias digitais contemporâneas operam na (re)configuração de discursos sobre gênero e

³ Utilizo o nome *Twitter*, e não *X*, para me referir à plataforma, pois no ano de lançamento da *webcomic Arlindo* (2019), a rede social ainda era conhecida por esse nome.



sexualidade, especialmente em contextos marcados pela violência estrutural. A *webcomic*, enquanto forma narrativa multimodal que articula texto e imagem em ambiente digital, oferece possibilidades únicas para a análise dos processos de significação e resistência. Além disso, a escolha por uma obra de autoria feminina que aborda masculinidades dissidentes permite examinar como vozes historicamente marginalizadas constroem narrativas contra-hegemônicas.

O *corpus* de análise é constituído por sequências discursivas selecionadas da *webcomic*, examinadas à luz dos conceitos de enunciação gráfica e grafiação. A análise busca identificar rupturas textuais e gráficas que evidenciam tensionamentos entre memória e deriva, entre repetição e deslocamento, compreendendo como esses movimentos produzem novos sentidos sobre masculinidade, violência no contexto das dissidências sexuais e de gênero.

Aproximações entre a Análise de discurso e a Teoria dos Quadrinhos

Aproximações entre a Análise de Discurso Materialista e a Teoria dos Quadrinhos são fundamentais para o desenvolvimento deste artigo. A Análise de Discurso Materialista (doravante AD), desenvolvida por Michel Pêcheux e aprofundada no Brasil por Eni Orlandi, oferece um arcabouço teórico robusto para a compreensão da produção de sentidos. A AD postula que o discurso não é uma mera transparência da linguagem, mas um processo complexo, atravessado por condições históricas, ideológicas e sociais. Orlandi (2017) define o discurso como "palavra em movimento", enfatizando sua natureza dinâmica e sua capacidade de se constituir e circular socialmente, carregando as marcas de sua origem dotadas de opacidade.

Para a AD, a produção de sentido se dá em três momentos interligados: constituição, formulação e circulação. A constituição remete à "memória do dizer", ou seja, ao conjunto de discursos já existentes que servem de base para novas enunciações. A formulação é o momento em que a linguagem se concretiza, sob "condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas". Por fim, a circulação refere-se ao modo como o discurso se propaga em "certas conjunturas e diante de determinadas condições" (Orlandi, 2022, p. 13).

No campo das narrativas gráficas, a AD se articula de forma produtiva com a Teoria dos Quadrinhos. A *webcomic*, como objeto de estudo, exige uma abordagem que



contemple a especificidade de sua linguagem multimodal, que combina texto e imagem. É nesse ponto que a noção de enunciação gráfica e grafiação se tornam cruciais. Philippe Marion (1993) propõe a grafiação como a "impressão gráfica pessoal" do autor, um elemento que gera tensão entre os componentes da narrativa e a presença do criador. Carneiro e Zeni (2021) aprofundam essa ideia, afirmando que:

Nas histórias em quadrinhos, cada modo de tracejar difere de outros tracejados, e a configuração que esse tracejar toma ao longo da página varia de gênero em gênero, de autor a autor. E cada história em quadrinhos é um enunciado, formulado em uma linguagem própria (o dispositivo das histórias em quadrinhos) e, portanto, tem uma enunciação e um enunciador gráficos. A enunciação gráfica carrega, em si, as marcas desse enunciador, mais ou menos aparente nela, mais ou menos marcado nessa configuração que remete a esse sujeito enunciador (autor) e ao espaço discursivo em que ele se insere (época, gênero). E é essa enunciação gráfica que Marion chamou de grafiação. (p. 331)

Essa perspectiva permite analisar como as escolhas estilísticas do quadrinista – o traço, o uso das cores, a diagramação dos quadros – não são meramente estéticas, mas produtoras de sentido. A grafiação revela a "mão que desenha" e seus "efeitos de visualidade e invisibilidade" (Carneiro e Zeni, 2021, p. 329), afetam as relações estéticas da narrativa. Scott McCloud (2005), em sua obra explora a complexidade da linguagem dos quadrinhos, destacando a interdependência entre imagem e texto e a forma como o leitor preenche as lacunas entre os quadros, construindo o sentido da narrativa.

Thierry Groensteen (2015), por sua vez, propõe uma análise da relação entre os quadros, bem como da interconexão entre os diferentes elementos (imagens, textos, balões). Sendo fundamentais para compreender como a narrativa visual se organiza e como os sentidos são construídos a partir da interação entre os elementos gráficos e textuais. Como na *webcomic Arlindo* (2019) nota-se momentos que demonstram a interdependência entre os elementos gráficos e textuais na construção do sentido da violência.

Tendo isso em vista as Webcomics, possuem Condições de Produção distintas, por em Arlindo (2019) A migração das narrativas gráficas para o ambiente digital introduziu novas condições de produção e funcionamentos discursivos. As webcomics, conforme observam Vergueiro e Sá (2015), suscitam "inovações estéticas e narrativas a serem exploradas pelos artistas, assim como novas formas de fruição por parte do público,



com a introdução de maneiras diversas de interação do leitor com a narrativa sequencial" (p. 91).

Wershler, Sinervo e Tien (2020) destacam que a digitalização envolve mudanças em múltiplos níveis, afetando a forma como os quadrinhos são produzidos, distribuídos e consumidos. A internet e os *smartphones* reconfiguraram o dispositivo espaçotópico (Groosten, 2015) das HQs, transformando tanto a produção gráfica quanto as práticas de leitura. Plataformas como Twitter, Instagram e outras redes sociais tornaram-se espaços para a circulação de *webcomics*, estabelecendo uma proximidade inédita entre quadrinista e leitor.

No caso específico do Twitter, a plataforma oferece condições particulares de enunciação. Cada postagem constitui uma unidade discursiva que articula texto, imagem e elementos interativos (comentários, *retweets*, curtidas). Essa configuração produz efeitos específicos na circulação dos sentidos, uma vez que o conteúdo pode ser constantemente alterado através da inclusão de comentários e reações dos leitores. Podemos observar que no ambiente online, o conteúdo se apresenta com elementos que podem ser constantemente alterados, como a inclusão de comentários e reações dos leitores.

Essas interações fornecem embasamento para análise entre batimento do HQs e da Teoria, como os Estudos de Gênero que são fundamentais para a análise das representações de masculinidade e violência em *Arlindo* (2019). Judith Butler (2020), em sua teoria performativa do gênero, argumenta que as identidades de gênero são construídas através de atos performativos reiterados, que criam a ilusão de uma essência natural. Para Butler (2020), a heterossexualidade compulsória "requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre 'feminino' e 'masculino', em que estes são compreendidos como atributos expressivos de 'macho' e de 'fêmea'" (p. 44).

Essa dinâmica opera dentro do que Rodrigues (2021) denomina Circuito Cis-heteronormativo, uma engrenagem teórica que produz efeitos nos corpos, diferenciando os sujeitos considerados ideais daqueles rotulados como degenerados. O conceito de cis-heteronormatividade, conforme elaborado por Rodrigues (2021), constitui-se por:

nuances entrelaçadas e sobrepostas com e sobre as instâncias do corpo genitalizado, do gênero e do desejo que, de acordo com essa representação hegemônica, não se contraporiam, entre si, ao contrário, seriam/representariam o mesmo e único objeto que se fundiria pela e na materialidade físico-política dos sujeitos. (p. 68).



Essa sobreposição arbitrária entre corpo, gênero e desejo resulta na heterossexualização compulsória do desejo, determinando que apenas corpos/genitais distintos podem "(se) desejar" de forma legítima. O circuito cisheteronormativo organiza não apenas a expressão da subjetividade dos corpos e do desejo, mas estabelece o ordenamento político da formação social, definindo normas de comportamento e seus desvios, violência e masculinidades hegemônicas.

A violência contra corpos dissidentes constitui um fenômeno estrutural nas sociedades patriarcais. Segundo dados do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, um LGBT foi assassinado a cada 38 horas no ano de 2023, com 142 homicídios de mulheres trans e travestis registrados. Além disso, 11 pessoas trans cometeram suicídio, evidenciando uma crise de saúde pública relacionada à LGBTIfobia como fator social de risco para a saúde mental.

A violência manifesta-se não apenas através de agressões físicas, mas também por meio de violência psicológica, simbólica e epistêmica. Paul B. Preciado (2022) argumenta que vivemos em um "regime de diferença sexual", onde tudo ao nosso redor tende a se alinhar de um lado ou do outro da linha do gênero. Esse regime produz o que o autor denomina "animal necropolítico", um sujeito universal ocidental que continua a ser central na enunciação dos discursos da modernidade colonial.

No contexto nordestino, as masculinidades são atravessadas por especificidades regionais que intensificam as pressões normativas. Como observa Muniz (2013), tratase de "uma região onde 'ser macho' é um imperativo" (p. 23), construindo-se a figura do homem nordestino através de uma rede de formulações que fomentam a ideia de uma masculinidade homogênea e própria da região.

A produção de webcomics por uma mulher nordestina, nesse caso, constitui um fenômeno significativo no cenário contemporâneo das narrativas gráficas. Como destaca Messias (2018), historicamente, o mercado editorial não ofereceu oportunidades para as mulheres profissionais da área dos quadrinhos. Em contrapartida, as publicações independentes nas plataformas online têm crescido e revelado autoras de várias partes do Brasil.

Matos (2024) observa que os textos de autoria feminina têm um lugar de análise de muitos atravessamentos, desde o entrelace entre gênero, sexualidade e territorialidade. A participação feminina nas artes e na produção acadêmica tem sido historicamente limitada, ganhando maior visibilidade apenas recentemente nos estudos acadêmicos,

consequência da influência dos movimentos feministas. *Webcomics* como *Arlindo* (2019) contribuem para a reflexão sobre as questões de gênero, identidade e poder, subvertendo as normas tradicionais e ampliando os espaços para representações mais diversas e autênticas das mulheres e das pessoas dissidentes de gênero. Um ponto importante destacado por Messias (2018) é que os enredos dos quadrinhos de autoria feminina requerem uma atenção especial, uma vez que as mulheres artistas são ao mesmo tempo criadoras do objeto e o próprio objeto de investigação.

Análise e discussão: cartografias da violência em *Arlindo* (2019)

A *webcomic* *Arlindo* (2019) se configura como um espaço discursivo onde as tensões entre as normas sociais e as experiências de corpos dissidentes são materializadas. A análise da obra revela como a violência, em suas múltiplas facetas, permeia o cotidiano do protagonista e de outros jovens que não se conformam às expectativas cis-heteronormativas, especialmente no contexto nordestino.

Um dos exemplos mais contundentes da materialização da violência na *webcomic* é a Sequência Discursiva que retrata Arlindo Júnior sendo agredido por seu pai, acompanhada da interpelação verbal: "Tome jeito de macho, Arlindo Júnior!" conforme a figura a seguir:

Figura 1- Sequência Discursiva 1



Fonte: @Ilustralu. X⁴.

⁴ Disponível em: ilustralu (@ilustralu) / X Acesso em: 15 de fevereiro de 2025.



Essa cena, conforme analisa, é um microcosmo das violências simbólicas e físicas que moldam as masculinidades hegemônicas e buscam reprimir as dissidentes. Na SD 8, a grafiação assume um papel crucial na produção de sentido. O texto "Tome jeito de macho, Arlindo Júnior!" não está contido em um balão convencional; ao contrário, ele se funde com o som do golpe, indicando uma mescla entre a agressão física e a interpelação ideológica. Essa fusão entre o gesto físico e o texto grafado demonstra como o texto e a imagem se articulam para interpelar o personagem a uma masculinidade normativa, produzida por uma ideologia patriarcal.

Na SD selecionada, Arlindo Júnior, um menino de pele amarela, vestindo uma bermuda preta e uma camiseta regata cinza, está com as mãos na cintura. Uma mão do pai de Arlindo desferindo um golpe no braço do garoto. No centro da imagem, há um texto em rosa com contornos pretos, quase se misturando ao fundo de mesma cor, que possui listras brancas, onomatopeia do golpe.

Assim, o texto grafado (em caixa alta) se funde com o som gerado pelo impacto físico. Nesse caso, não existe um enclave. Groensteen (2015) afirma que o balão pode ser considerado um enclave, especialmente quando ele não toca as bordas externas do quadro, funcionando como um "requadro interno" da imagem. Portanto, na SD 1, o gesto físico e o texto da fala se mesclam, ou seja, o próprio traço designa a fronteira e delimita a visibilidade da ação apresentada na imagem.

O pai de Arlindo, nessa cena, assume a posição-sujeito do opressor, reiterando tensões históricas e sociais de homofobia e machismo. A interpelação "Tome jeito de macho" não se refere ao sentido biológico de macho, mas sim a uma exigência de conformidade a uma imagem masculina normativa, imposta por uma ideologia patriarcal. Essa imposição reflete a "naturalização" do desejo heterossexual e a negação de legitimidade a outras formas de identidade de gênero e orientação sexual, conforme abordado por Butler (2020).

A dissertação também destaca a violência sofrida por corpos LGBTQIAPN+ na sociedade brasileira, utilizando como exemplo a história de Gisberta Salce, mulher trans brutalmente assassinada em Portugal. Os dados do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil (2023) reforçam a urgência de discutir a LGBTIfobia como um fator social de risco para a saúde mental e física dessa população.

A *webcomic* Arlindo, ao expor essas violências, contribui para um debate essencial e para a visibilidade de experiências marginalizadas. A obra de Luiza de Souza,



portanto, não se limita a narrar a violência, mas também a problematizá-la, revelando as "cartografias da violência" que se inscrevem nos corpos e nas subjetividades dissidentes. A resistência, nesse contexto, não se manifesta apenas no enfrentamento direto, mas também na possibilidade de traçar a própria narrativa, de reconfigurar posições de sujeito e de produzir novos sentidos sobre masculinidade e sexualidade. A escolha das cores na webcomic, por exemplo, como o amarelo e o rosa associados a afeto e alegria, e o cinza a incerteza e frustração, reforça visualmente essa tensão entre opressão e resistência.

O conceito de "espectro de gênero", é fundamental para compreender a fluidez e a amplitude das identidades que *Arlindo* (2019) busca representar. Ao criticar o "regime de diferença sexual" que impõe uma binariedade rígida, a obra aponta para a necessidade de reconhecer que a masculinidade e a feminilidade não são categorias naturais, mas construções políticas e históricas.

Em suma, *Arlindo* (2019) é uma narrativa que, através da enunciação gráfica, expõe as violências do circuito cis-heteronormativo e as normas de gênero impostas, especialmente no Nordeste brasileiro. Ao mesmo tempo, a *webcomic* oferece um espaço para a emergência de masculinidades dissidentes e a construção de estratégias de resistência, contribuindo para a ampliação do debate sobre gênero, sexualidade e poder na sociedade contemporânea.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar as "cartografias da violência" e as representações de masculinidades dissidentes na webcomic *Arlindo* (2019), de Luiza de Souza. Através da Análise de Discurso Materialista, em diálogo com a Teoria dos Quadrinhos e os Estudos de Gênero, foi possível evidenciar como a obra articula imagem e texto para configurar sentidos de violência e resistência no contexto das masculinidades nordestinas.

Constatou-se que a *webcomic* *Arlindo* (2019) não apenas retrata a violência em suas diversas manifestações, mas também a problematiza, expondo as interpelações ideológicas que buscam conformar os corpos dissidentes às normas cis-heteronormativas. A análise da Sequência Discursiva demonstrou como a grafiação atua na materialização da violência e na imposição de uma masculinidade hegemônica, revelando a fusão entre a agressão física e a interpelação verbal.



Adicionalmente, o estudo reforçou a importância da autoria feminina na produção de narrativas subversivas, que ampliam os espaços para representações mais diversas de gênero e sexualidade. A *webcomic Arlindo* (2019) emerge como um exemplo de insubordinação epistemológica, onde a resistência se manifesta na possibilidade de traçar a própria narrativa e de reconfigurar posições de sujeito, desafiando o "regime de diferença sexual" e promovendo a compreensão do gênero e sexualidade como um espectro fluido.

Em suma, a *webcomic Arlindo* (2019) oferece uma plataforma para a compreensão das dinâmicas de violência que permeiam as experiências de masculinidades dissidentes. A obra de Luiza de Souza contribui significativamente para o debate acadêmico sobre gênero, sexualidade e poder, ao mesmo tempo em que oferece um grito de resistência para aqueles que buscam afirmar suas identidades em um mundo ainda marcado por profundas desigualdades e violências.

Referências

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023**. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CARNEIRO, M. C.; ZENI, L. Grafação: elementos para uma análise das histórias em quadrinhos. **Literatura, imagem e mídias**, Porto Alegre, p. 232-341, 2021. ISSN 978-65-88865-75-0 (Ebook).

DI LAURETIS, T. Teoria Queer: 20 Anos Depois: Identidade, Sexualidade e Política. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GROENSTEEN, T. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.

MARION, P. **Traces en cases : travail graphique, figuration narrative et participation du lecteur**. Essai sur la bande dessinée. Loovun-U-Neovt: Academia, 1993.

MATOS, Elisiane Santos de. **Profundações 3 e Além dos Quartos: dois casos de “guerrilha literária” por meio da experiência verbo-visual de autoria feminina**. 2024. Tese



(Doutorado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2024. Orientador: Mauricio Beck.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005.

MESSIAS, Carolina Ito. **Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil. 2018**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giulia Crippa.

MUNIZ, D. **Nordestino: a invenção do "falo"**. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? Linguística: questões e controvérsias. **Série Estudos 10**, Uberaba, 1984.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2022.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Tradução de Maria Paula Gurgel Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RODRIGUES, Anderson Lins. **Subjetividades em trama, corpos em transe: os mo(vi)mentos de identificação de sujeitos transgêneros no entremeio dos sentidos de feminilidades e masculinidades**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43180?mode=full>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SOUZA, L. D. Arlindo. **Twitter**, 2019. Disponível em: <https://x.com/ilustralu>. Acesso em: 9 Fevereiro 2025.